

# **A psicología revolucionária de Lev Davidovich Bronstein\***

**La psicología revolucionaria  
de Lev Davidovich Bronstein**

**The revolutionary psychology  
of Lev Davidovich Bronstein**

**Ian Parker**

**Universidad de Manchester (Inglaterra)**

**Resumen.** El objetivo de este artículo es presentar un análisis de la teoría revolucionaria considerada como un proceso de compromiso personal de acción política, entendida como un corpus de conocimiento y práctica desde el punto de vista marxista, por lo tanto fuera de los dominios académicos. Para dilucidar ese objetivo recurre a algunos recortes fundamentales de la historia de Lev Davidovich Bronstein (Trotsky), un intelectual marxista y revolucionario bolchevique, y de su hija Zina, para ilustrar de qué manera la matriz de las circunstancias sociales y políticas pueden ser marcadas por escisiones y proyecciones. Para ello, recorro aquí a la tradición marxista en función de la acumulación de conocimientos desde tiempos anteriores a Marx hasta hoy ya la terminología psicoanalítica por proporcionar un vocabulario apropiado para la comprensión de la historia. En ese contexto explotan las matrices relacionales del psicoanálisis y del marxismo separadamente, antes de enfocarse en la conexión entre ambas, conexión que la teoría de Trotsky nos permite comprender. En este sentido, propongo tres puntos importantes que conectan la teoría psicoanalítica y marxista con la teoría de Trotsky, puntos estos, fundamentales para una política revolucionaria en nuestros días.

**Palabras clave:** marxismo, psicoanálisis, psicología revolucionaria, Trotsky.

---

\* “The Revolutionary Psychology of Lev Davidovich Bronstein”, Parker, I. (1996c). En: I. Parker and R. Spears (eds) *Psychology and Society: Radical Theory and Practice* [pp. 184-194]. Londres: Pluto. Tradução do inglês para o português a cargo de Felipe Tadeu Belitz Ruiz.

**Resumo.** O objetivo deste artigo é apresentar uma análise da teoria revolucionária tida como um processo de engajamento pessoal de ação política, entendida como um corpus de conhecimento e prática do ponto de vista marxista, portanto fora dos domínios acadêmicos. Para elucidar esse objetivo recorro a alguns recortes fundamentais da história de Lev Davidovick Bronstein (Trotsky), um intelectual marxista e revolucionário bolchevique, e de sua filha Zina, para ilustrar de que maneira a matriz das circunstâncias sociais e políticas podem ser marcadas por cisões e projeções. Para tanto, recorro aqui à tradição marxista em função do acúmulo de conhecimentos desde tempos anteriores a Marx até hoje e à terminologia psicanalítica por fornecer um vocabulário apropriado para a compreensão da história. Nesse contexto exploro as matrizes relacionais da psicanálise e do marxismo separadamente, antes de focar na conexão entre ambas, conexão que a teoria de Trotsky nos permite compreender. Nesse sentido, proponho três pontos importantes que conectam a teoria psicanalítica e marxista com a teoria de Trotsky, pontos estes, fundamentais para uma política revolucionária nos nossos dias.

**Palavras chave:** marxismo, psicanálise, psicologia revolucionária, Trotsky.

**Abstract.** The objective of this article is to present an analysis of the revolutionary theory, assumed as a process of personal engagement in political actions, understood as a corpus of knowledge and practice from a Marxist point of view and, therefore, placed out of academic fields. To enlighten this objectives, I draw on some fundamental segments of Lev Davidovick Bronstein's story - known as Trotsky, a Marxist intellectual and revolutionary Bolshevik - and his daughter Zina to illustrate the extend to which the circumstances of social and politics matrices can be marked by splittings and projections. For that, I draw here on the Marxist tradition for the accumulation of knowledge since before Marx until nowadays e on the psychoanalytical terminology for providing an appropriate vocabulary to the understanding of history. In this context, I explore the relational matrices of Psychoanalysis and Marxism separately, before focusing on their connection, where Trotsky's theory help us understand. Thus, I put forward three important issues that connect Psychoanalytical and Marxist theory to Trotsky's, issues that are fundamental for a revolutionary politics nowadays.

**Keywords:** Marxism, Psychoanalysis, Revolutionary Psychology, Trotsky.

## Introdução

A psicologia revolucionária não é um sistema acadêmico de conhecimento. Não é uma teoria, ou um conjunto de teorias, e não pode ser formalizada, escrita, transmitida ou aprendida. A análise e teoria revolucionária, entretanto, como crítica política e econômica pode, certamente, ser desenvolvida e passada como um corpus de conhecimento

e prática e eu tomo o Marxismo como um exemplo de tal corpus. Não é, ainda, felizmente, *apenas* um sistema acadêmico quando se faz preso em um sistema educacional, não será mais revolucionário. O Marxismo é tradição em acúmulo de conhecimentos práticos revolucionários que se alonga desde tempos anteriores a Marx até os nossos. Seu objeto agora é a constelação de forças de gênero e raça e relações de produção, incluindo, na cultura, forças e relações de senso comum. A psicologia burguesa, em contraste, tem como objeto a abstração individual de tais forças e relações. Qualquer variação da psicologia, seja ela behaviorista ou cognitiva, psicanalítica ou vigotskiana, pode aparecer em algum momento como uma ferramenta para empoderamento e se tornar parte de mecanismos de exploração e opressão que compreendem o complexo psíquico. Uma psicologia revolucionária, então, pode apenas ser *vivida* como um processo de engajamento pessoal, como uma ação política. Um paradoxo começa a aparecer aqui visto que, embora exemplos de engajamento pessoal e ação política possam ser encontrados e encorpados nas vidas de indivíduos, não é correto reduzir coisas à psicologia revolucionária, à mente, de uma pessoa. Contudo, o objeto da psicologia, o "indivíduo", tem alguma realidade vivida, para nós, como um centro de sensação separado que cada corpo humano sente como própria. Podemos começar a romper com a psicologia burguesa que abstrai mentes individuais do contexto social, por meio da compreensão de que tal objeto se expressa em projetos político-morais da vida pessoal. Lev Davidovich Bronstein foi uma pessoa de quem vida e trabalho traçaram uma trajetória de tragédia política e pessoal e o desenvolvimento da psicologia revolucionária.

As tensões e contradições, a impossibilidade de balizar qualquer "conjunto de relações sociais" dentro do corpo de um indivíduo, denota que tal psicologia só pode ser entendida na relação com a matriz das circunstâncias sociais e políticas em que Bronstein, por exemplo, viveu. A *matriz relacional* é pessoal e política, e ambos, o pessoal e o político, são marcados por vários mecanismos de cisão e projeção. No âmbito pessoal, existem cisões e projeções na matriz familiar, como para uma filha (e não só a filha) posicionada como vítima. No âmbito político, as cisões e projeções operam em uma matriz em que a burocracia soviética (e não apenas a burocracia) é posicionada como um perseguidor. Logo estará claro que estou optando pela terminologia psicanalítica para contar a história. Não de forma acidental; não porque a Psicanálise seja verdadeira e a melhor forma de explicar, mas porque ela *se tornou* verdadeira por questões históricas e, então, fornece um vocabulário apropriado para compreensão de tal vida em contexto. A Psicanálise se tornou verdadeira lá e, assim, ainda está conosco agora. Isso é parte do arcabouço cultural e psíquico da sociedade capitalista com que Marxistas tem que lidar. Isso estrutura poder e resistência em relações pessoais e políticas. Neste artigo quero explorar cada matriz relacional em questão nesta vida antes de focar na conexão entre ambas. Tal Psicologia Revolucionária é formada na conexão entre as duas matrizes e é a teoria Revolucionária de Bronstein que nos permite compreender tal conexão.

## A filha

Zina era filha do primeiro casamento de Lev Davidovich Bronstein. Ela nasceu em 1900 enquanto Lev e Alexandra, sua esposa, estavam em exílio czarista na Sibéria. Zina, segundo a história, encontrou o manequim que seu pai deixou em sua cama para enganar os guardas em 1902, quando ele escapou e fugiu para Londres (Deutscher, 1954). Ele assumiu o nome de um de seus carcereiros, o nome pelo qual ele se tornaria mais conhecido.

Aqui estão algumas trocas e paradoxos amadurecidos para o estudo psicanalítico, e eles se incorporaram na pessoa de Zina que chegou para análise trinta anos depois, em 1932, no divã do professor Kronfeld, em Berlim. Alguns dos giros pessoais e questões políticas são destacados no filme Zina de Ken McMullen (1985). Por ser um filme de tamanho poder e representar tais questões para ambos os públicos, já politizados e ainda a serem politizados, eu farei referência a este filme algumas vezes. Como um ponto geral, além do mais, psicólogos críticos deveriam estar, ao menos, tão preocupados com o poder da psicologia popular, quanto com suas formas acadêmicas. O filme foca na análise, e cenas de Zina no divã são intercaladas com *flashbacks* de sua reunião com seu pai em Prinkipo (a ilha turca em que ele passou os primeiros anos de exílio após ser espulso da União Soviética) e reflexões de Kronfeld acerca das conexões entre o pessoal e o político.

O caso de Zina (“caso” que Kronfeld chamaria de “Fraulein B”) levanta um número de questões para marxistas revolucionários. Zina é esmagada pelo ataque de Stalin à Oposição de Esquerda na sitiada república Soviética e em seu destino há um reflexo quebrado da ascensão da burocracia ao poder. Ela é capturada pela prática de uma teoria da mente que atraiu a muitos da Esquerda e Freud se aproximou do Marxismo, muitas vezes, desde os anos 30. No filme, podemos ver que Zina não consegue viver na ilusão de uma relação passional idealizada com seu pai isolado, um herói político.

O caso de Zina representa uma lição objetiva da crueldade política. Os apoiadores de Bronstein tentaram tirá-la da união Soviética e das pressões que ela estava enfrentando lá. A morte de sua irmã, a deportação de seu marido para a Sibéria e sua luta para criar seus dois filhos a levaram próximo ao ponto de ruptura. Ela também se sentiu consumida. Eventualmente, em 1931, ela foi autorizada a levar seu filho de 5 anos de idade, Seva, ao seu pai em Prinkipo. Sua filha foi mantida refém na união Soviética com sua mãe Alexandra.

Entretanto, agora ela era um potencial risco de segurança ao seu pai. Ele estava em contato constante com a Oposição de Esquerda e estava escrevendo (em terceira pessoa) sua história da Revolução Russa. Zina, com o passar dos meses, se sentiu rejeitada e mais aflita naquele contexto. Ela se mudou para Berlim para procurar cura psicanalítica com Kronfeld. Era desesperador. Bronstein e sua família estavam privados da cidadania russa e Seva estava aprisionada em Prinkipo. A permissão de retorno à

Rússia foi negada a Zina e ela permaneceu em Berlim para testemunhar a ascensão do fascismo.

A história dos problemas de Zina na União Soviética é aludida no filme, mas os efeitos da perseguição são referidos apenas em suas reações emocionais. Determinada cena em uma galeria de arte a retratará em uma posição “stalinofóbica” neurótica. Somos convidados a suspeitar que alguma culpa pela condição dela talvez não esteja na situação da União Soviética, mas no tratamento recebido pelo seu pai (uma interpretação ávidamente considerada em algumas críticas do filme em sua divulgação). O contexto político e econômico de Berlim é melhor abordado, com o símbolo dominante da ascensão fascista sendo a estrela da Mercedes ao invés da suástica.

A Psicanálise pareceu estúpida para Zina (apesar de, por meses, Kronfeld estar convencido de que o tratamento estava funcionando). Seu pai havia vencido sua resistência à “cura pela fala” e a convenceu a ir a Kronfeld. Seu pai estava convencido de que o trabalho de Freud era compatível com o marxismo e havia falado a favor da Psicanálise nos anos 20, embora os *apparatchiks*, acadêmicos de Stalin, policiassem a psicologia e se entusiassem com os experimentos de condicionamento de Pavlov como base de uma versão materialista da vida mental.

Já em 1922, Bronstein escreveu para Pavlov (que não havia simpatizado ao bolchevismo antes da revolução) e solicitou tolerância quanto à pesquisa psicanalítica (Deutscher, 1959). Em relação a Pavlov, ele sentiu alguma simpatia quanto ao que ele entendeu ser uma tentativa de Freud em trabalhar o fenômeno dos sonhos e imaginação para a Fisiologia, e publicamente defendeu a Psicanálise:

Os idealistas nos dizem que a psiquê seria uma entidade independente, que a “alma” seja um poço sem fundo. Ambos, Freud e Pavlov, pensam que o fundo da alma seja a fisiologia. Porém Pavlov, como um mergulhador, desce até o fundo e laboriosamente investiga o poço de lá para cima, enquanto Freud fica de pé sobre o poço e com um penetrante olhar tenta penetrar em suas águas inconstantes e turbulentas e adivinhar a forma das coisas nas profundezas. (Trotsky, 1926, p. 234).

Como nos lembra Bettelheim (1986), Freud, no Alemão original, frequentemente se refere à *seele*, ou “alma”.

O material desentulhado na análise de Zina no filme é fascinante. Há imagens de sonhos que evocam o isolamento do pai e filha. É dada a Kronfeld muita reflexão sobre a relação entre as premonições de Zina sobre os desenvolvimentos políticos na Alemanha e seu interior inconsciente. No entanto, o espectador é também levado de uma exploração do inconsciente para um relato místico dos “instintos” de Zina. Na medida em que descemos ao mundo dos sonhos de Zina, nós vemos seu pai descendo o elevador da Torre Eiffel enquanto ouvimos sua descrição do nazismo como

um regresso da cultura às barbaridades dos séculos X (décimo) ou XI (onze). Talvez essa seja uma pergunta aberta: se o inconsciente é a fonte de fantasias animais regressivas destrutivas ou a fonte de esclarecimento e verdade. Essa certamente é uma questão que o filme de McMullen (talvez deliberadamente) extrapola.

O filme pega algumas das linhas da história de Zina e as tece em uma massa confusa de relações pessoais, políticas e Prinkipo (em cores) e Psicanálise (em preto e branco). Algumas cenas têm qualidade alucinatória e nós somos levados a crer que Zina tem uma percepção inconsciente “instintual” sobre o lado irracional mais sombrio dos eventos da Alemanha que atuaram como um contraponto à “razão política” de seu pai.

Mais peculiar é a sugestão de que os instintos de Zina compreenderam e resistiram ao nazismo de 1930. Somos lembrados do corajoso trabalho do psicanalista marxista Wilhelm Reich na Alemanha, cujos escritos sobre a Psicologia da massa do fascismo e sobre a libertação sexual inspiraram não poucos esquerdistas que brigavam para preservar a tradição revolucionária de Marx. Reich foi expulso do KPD, em parte por seu apoio ativo à libertação sexual e sua recusa em apoiar a Psicologia pavloviana oficial. Kronfeld foi extremamente simpático ao trabalho de Reich e, em 1927, ele o revisou e o aclamou como sendo tão importante quanto o trabalho de Freud.

Por outro lado, o filme é pudico quanto ao aspecto sexual da Psicanálise. A câmera foca em uma fotografia na mesa de Kronfeld em certo ponto. Evidencia-se uma figura atarracada que admiravelmente se parece com Adler, um analista que enfatizou a pulsão ao poder como mais importante que o sexo e que, na época, se opunha a Freud (embora seu trabalho tenha acabado sendo vinculado a críticas da psicanálise de direita). Contradições políticas e culturais também são evidenciadas em alguns dos comentários embaraçosos de Trotski sobre Freud e sexo:

Essa questão, certamente, não tem nada em comum com o cultivo de um freudismo farsante como uma indulgência erótica ou um pedaço de “malícia”. Tal charlatanismo não tem nada a ver com ciência e meramente expressa humores decadentes; o centro de gravidade é deslocado do córtex para a medula espinhal (1926, p. 234).

Haverá sido o caso, como acusou a mãe de Zina, que ela estivesse sendo forçada a falar sobre coisas que seriam melhor permanecer não faladas? Zina sentiu que esse era o caso. Ela escreveu para seu pai: “os doutores apenas me confundiram... Você sabe o que me manteve? Fé em você”. Zina confessou sua adoração por seu pai em outra carta. Nesse sentido, estava com alguém que ela idolatrou, mas desapontou. “Isso”, diz ela, “chegou ao fundo da minha doença”. A última cena que vemos de Kronfeld é uma tomada dele nas ruínas de Stalingrado entregando suas fitas que continham suas reflexões sobre o caso “Fraulein B”, querendo-as salvas para a posteridade.

A tentativa de traçar o desenrolar da história e política europeia na mente de um sujeito individual se arrisca a reduzir o espectador comprometido ao desespero, como o processo feito por Zina. O fim de sua vida não é precisamente retratado no filme, como se ela tivesse morrido em uma queda. Em alguns sentidos, a vida superou o filme em miséria e ironia. A eventual reconciliação com seu filho Seva, em 1933, mal durou uma semana. Ela fechou seu quarto e ligou o gás.

## O Pai

Alguém sempre se identifica, internaliza as proibições e crenças do pai para desenvolver o supereu, pedra fundadora da moralidade, como os maus livros de psicologia dizem que foi Freud supostamente teria dito? Há uma questão correndo pelos infortúnios de Zina, de moralidade política. É uma questão não só expressa no tratamento de Zina, como também em formas da vida moral que os envelopou e envelopa a nós todos. Ao nos voltar ao pai dela nesse drama, eu também quero me voltar para a questão da moralidade no marxismo revolucionário. Aqui, o vão entre meios e fins se sobrepõe ao vão entre o privado e o público. Eu quis fazer essas conexões na forma que eu adotei aqui para falar sobre alguém, Lev Davidovich Bronstein, que as pessoas *pensam* já conhecer quando escutam o nome que ele adotou, “Trotsky”. Eu quero tomar uma pequena distância da imagem da política linha dura desinteressada pela vida pessoal e cultural. Mas daqui para frente neste artigo vou utilizar o nome “próprio” revolucionário de Bronstein.

Em um livro influente sobre filosofia moral, *Depois da Virtude*, Alisdair MacIntyre (1981) identifica alguns fios da cultura Ocidental Esclarecida que alimenta ambos os projetos modernos de reforma social encontrados, por exemplo, no trabalho de Marx e nos projetos de auto entendimento individual encontrados, por exemplo, no trabalho de Freud. Eu não quero fetichizar esses dois nomes “Marx” e “Freud”. Estes projetos de esclarecimento modernos, acompanhados de crenças culturalmente tardias no progresso científico e histórico, englobam todas as variedades de empoderamento coletivo e terapia individual. MacIntyre argumenta que nós experienciamos uma “falha do projeto de esclarecimento” (MacIntyre, 1981, p. 58), e que nós estamos sofrendo os efeitos em nossas experiências de nós mesmos e outros do “distintivamente moderno eu...o individual” (MacIntyre, 1981, p. 59).

Apesar de MacIntyre não ser mais um marxista (como foi uma vez membro do grupo capitalista de estado “Socialista Internacional”), ele ainda balanceia sua condenação dos marxistas em geral por causa de seus conluíus com os piores aspectos da modernidade, com louvor de dois gumes a uma vertente particular dessa tradição. MacIntyre argumenta que o Marxismo “encorpa o ethos do mundo distintivamente moderno e modernizante” (MacIntyre, 1981, p. viii), e que o “empobrecimento moral” do Marxismo flui de seus apelos contínuos à “utilidade” e ao “princípio

abstrato moral”: “em suas práticas, marxistas exemplificaram precisamente o tipo de atitude moral que eles condenam em outras práticas ideológicas” (MacIntyre, 1981, p. 243). A exceção é o Trotskismo, ele diz, mas o Trotskismo leva a um pessimismo “bastante alheio à tradição marxista” (MacIntyre, 1981, p. 244).

A fonte desse pessimismo está na análise dada por Trotsky (1936) antes da Segunda Guerra Mundial em que ele argumentou que a burocracia Stalinista foi um fenômeno temporário e que quando os trabalhadores da Europa Ocidental superassem o capitalismo, eles, então, estariam aptos a cuidar dos trabalhadores soviéticos em uma revolução política antiburocrática. Isso, claramente, não aconteceu e o pessimismo é composto pela previsão de Trotsky (1939) de que na falta de tal revolução, a análise marxista de contradições internas haveria sido falsificada e a consolidação da camada burocrática, eventualmente, levaria à emergência de uma nova classe. O papel daqueles que uma vez haviam se autointitulado marxistas, então, seria *moral* e sem esperança: “um novo programa ‘mínimo’ seria requerido – para a defesa dos interesses dos escravos da sociedade burocrática totalitária” (Trotsky, 1939, p. 9). É esse pessimismo que MacIntyre leva em conta em seu lamento pela humanidade que enfrenta o que ele chama de “nova era das trevas”.

O aspecto moral do Marxismo de Trotsky é destacado aqui, e esse foi um aspecto que veio à tona no despertar dos Processos de Moscou, e a Comissão de Inquérito sobre o enquadre de Trotsky, que foi liderado pelo filósofo pragmático John Dewey. Eu quero mencionar dois pontos sobre o papel da moralidade nesses eventos. O primeiro é diretamente expresso no debate entre Trotsky e Dewey, em que ambos *pareceram* concordar que os fins justificam os meios. De fato, e isso é bastante surpreendente face ao constante canto liberal que você não deve separar os dois (ou seja, faça algo com efeitos ruins agora, como uma greve, para fins em longo prazo), que Dewey (1938) era *mais* insistente que os fins justificam os meios do que era Trotsky. Trotsky argumentava que havia uma dialética em que fins e meios trocavam de lugar. Foi justamente o fetichismo de mercadoria da sociedade capitalista que levou os liberais a pensarem que cada ação já vem rotulada e precificada com um quantum de valor moral que poderia ser usado para provocar efeitos particulares. Seria ridículo, por exemplo, diz ele, igualar “um proprietário de escravo que, com astúcia e violência, acorrenta um escravo a correntes e um escravo que, com astúcia e violência, quebra as correntes” (Trotsky, 1938a, p. 38).

O Segundo ponto diz respeito aos escritos de Trotsky sobre cultura nos primeiros anos da revolução na Rússia. Alguns dos tópicos parecem curiosos, como a obra intitulada “Leninismo e trabalho bibliotecário”, mas é importante que o foco era no *todos os dias*. Uma discussão era sobre o uso de “ty” (familiar) e “vy” (educado) como formas antigas de tratamento que deviam ser combatidas no Exército Vermelho (Trotsky, 1922). O uso desses termos violava a “dignidade moral e civil”, disse ele. (Boris Yeltsin, incidentalmente, agora, deliberadamente, utiliza esses velhos marcadores



de status na fala). Outra discussão foi sobre linguagem abusiva e palavras vistas como um “legado da escravidão” e como reproduzindo relações de opressão entre homens e mulheres. Em outra discussão, ele expressou seu desprezo à noção de “burocracia progressiva”, e defendeu a discussão diária de problemas e conflitos contra tentativas arrogantes do partido de “presentear o proletariado com condições culturais de vida como um tipo de presente de aniversário” (Trotsky, 1923, p. 57). Trotsky estava bem ciente, anos antes de Foucault, de aspectos micro políticos da ação revolucionária e contrarrevolucionária. Essa é uma das razões pela qual ele se preocupava em defender a exploração da “alma” em psicanálise de pavlovianos politicamente corretos.

### **Conexões**

Frequentemente, fala-se que o Marxismo é inapto a teorizar a inter-relação entre opressão de classe e outras formas de opressão. As fórmulas complexas adotadas pela desintegração dos partidos “Euro comunistas” stalinistas, em que eles tentaram dizer que todas ou nenhuma variedade de opressão são “centrais” para uma análise do “pós-Fordismo”, “novos tempos” ou “pós-modernidade”, são sintomas dessa crença (cf. Mandel, 1978). Como um pensamento obsessivo, para ex-marxistas (ou, como eles gostam de se intitular agora em círculos discursivos, “pós-marxistas”), o pensamento de que o marxismo não pode teorizar as conexões é ritualisticamente preocupante. O pensamento, então, é paranoicamente atribuído a todos que ainda se intitulam marxistas, aqueles que os novos liberais obsessivos gostam de chamar a “esquerda rígida” (e eles, então, gostando de ouvir o tal rótulo contendo sua própria crítica e magicamente dissolvendo o inimigo).

Seria importante que a negação do problema não fosse nem um pouco mais obsessiva, e nós precisamos encontrar a continuidade da tradição revolucionária que leva a sério as conexões entre esferas de opressão e conexões entre o político e o pessoal, o público e o privado, o vanguardista e o terapêutico. O pessimismo nas análises de Trotsky no contexto de um mundo público cujas forças coletivas se dividiram entre Stalinismo e Fascismo, e no contexto de um mundo privado cujos objetos se despedaçaram pelo que pareceu ser a morte agonizante do capitalismo na Europa, é compreensível. De fato, nós temos que entender as previsões sobre o fim do Marxismo e a ascensão de uma “nova classe” nesse contexto.

Agora, nós fomos para além desse contexto para um novo incrível, em que os trabalhadores do bloco soviético superaram a burocracia (e talvez falhem nesse momento na construção de um real socialismo dos escombros), e em que o capitalismo está arfando novos respiros e um novo arrendamento da vida nos mercados da Europa Ocidental. Mas o programa geral de pesquisa e prática do marxismo ainda são justificados se nós olharmos para a forma como o mercado, a burocracia e as forças progressivas continuaram a entrar em conflito no Leste e no Oeste (e ainda

no Norte e no Sul) nós últimos 10 anos, sendo os eventos em Chiapas o exemplo mais notável no momento dessa escrita. Isso também é fortalecido se pudermos nos ater ao aspecto moral das críticas marxistas de opressão. A contribuição de Trotsky à tradição Marxista é um sistema de análise *político-moral* e teórica. Vou, brevemente, tomar dois aspectos desse sistema para ilustrar esse ponto.

Em primeiro lugar, a teoria de Revolução Permanente (Trotsky, 1931) encorpa um espírito internacionalista que havia sido proclamado por Marx e Engels (1848/1965, p. 77): “Os proletários não tem nada a perder, a não ser suas correntes. Eles tem um mundo para ganhar. Homens Trabalhadores de Todos os Países, Uni-vos!”. Mas a teoria é sobre mais do que do que o que Trotsky chamou de “desenvolvimento desigual e combinado” da economia mundial, o entrosamento anterior de regiões pré-capitalistas ao imperialismo como um dependente e superexplorado, o “Terceiro Mundo”.

A teoria não é uma teoria de revolução mundial simultânea (como os caluniadores liberais e stalinistas tentaram simular), mas de um desenvolvimento desigual e combinado, entre outras coisas, do movimento revolucionário. Ao invés de um modelo de estágio (em que nações, distintas entre si, devem passar do feudalismo ao capitalismo e só então ao socialismo), a Revolução Permanente é sobre ligações dialéticas e o salto de tais estágios, e a forma como o empoderamento de um é potencialmente o empoderamento de todos. Isso não significa dizer que a revolução é sempre permanente e iminente, visto que pode se desenvolver no indivíduo em um senso de contínua urgência que aparece eventualmente (incluindo o apelo aos interesses da nação, diplomacia secreta ou a defesa do Estado operário). Mais que isso, a Revolução Permanente implica na interligação entre ação e experiência através dos continentes e o potencial de resistência e empoderamento na *conexão* entre locais distantes e o lar. Esse é o imperativo moral do internacionalismo como prática política e consciência pessoal.

Em segundo lugar, *O Programa de Transição* (Trotsky, 1938b) codifica as demandas do movimento revolucionário que vêm à consciência de si e seu poder em uma série de *slogans*. Em sua maioria, como o chamado para abrir companhias de livros para inspeção pública ou para o índice de ligação dos salários à inflação, ainda são aplicáveis. São demandas plausíveis que se referem à lógica do jogo justo que empregadores e governantes fingem aderir, mas, então, revelam a natureza irracional dos arranjos sociais e políticos atuais quando se torna claro que eles não podem se encontrar sem uma ruptura do sistema radical. Demandas de transição são desesperadamente caricaturadas como um truque pelos oponentes dos Trotskistas, como um simples ardil para “expor” os empregadores e burocratas sindicais que querem fazer negócios. Eles fazem uma performática desse trabalho de desmascaramento, é claro, mas, como na Revolução Permanente, eles estão primordialmente preocupados com ação e experiência, como auto atividade e consciência, com a conexão entre

vida pública e privada. Demandas de transição são, para tomar emprestada a frase do feminismo socialista (Rowbotham *et al*, 1979), “prefigurativas” em que elucidam necessidades humanas e antecipam formas de reações sociais que não são subordinadas ao lucro. Quando as demandas de transição fazem ponte ao abismo entre metas imediatas e desejos de longo prazo para um mundo melhor, e insistem que o compromisso hoje desmobilizador e desempoderador é sempre um passo distante do socialismo, elas também fazem ponte no abismo entre o individual e o coletivo, o pessoal e o político.

Trotsky manteve a continuidade da tradição revolucionária em um momento em que a reação (nas variantes stalinistas, fascistas e, então, macarthistas) estava invadindo os espaços íntimos de todos aqueles que aderiram ao Marxismo e, então, ele teve que viver a conexão entre o público e o privado.

### **Conclusões**

Vou finalizar com três pontos em que retorno às preocupações que eu elucidei no início. O primeiro ponto é uma renúncia. Não estou dizendo que o Trotskismo em si seja uma psicologia revolucionária. De fato, como um corpus de conhecimento, um sistema de análise, uma teoria de desenvolvimento e transformação, ele pode se transmutar em algo que seja simultaneamente revolucionário como uma teoria (ou, ao menos, recuperável como tal) e reacionário como uma forma de Psicologia. Estou pensando aqui, é claro, na degeneração de muitos grupos trotskistas em setores que requerem membros para expor variedades de função psicológica que são francamente patológicas. Um grupo baseado na Grã-Bretanha (o Partido Revolucionário dos Trabalhadores), por exemplo, pagou 2 mil libras pela máscara da morte de Trotsky. Quando o grupo se separou e o líder (Gerry Healy) morreu, uma facção contratou uma empresa de segurança para manterem a outra facção de adoração longe do corpo no funeral. Aqui, também, não por acaso, é um exemplo da maneira como ativistas se utilizam de recursos e desejam modelos ideais. Durante os anos 70, o WRP usou fotos de um ator (Richard Burton) encenando Trotsky ao invés de fotos do próprio Trotsky em panfletos.

O Segundo ponto é que são as ações, trabalhos, escritos, crenças, etc. de Trotsky que constituem uma psicologia revolucionária. Contra as paródias do Trotskismo que encantam a imprensa sensacionalista, eu encontro em seu trabalho erros e reavaliações da revolução, um engajamento com questões de cultura e educação, e uma luta sustentável com a opressão. Há também uma recusa em compactuar com o pensamento meios-fins que deteriora outras formas de marxismo. Um dos aspectos importantes disso, é o engajamento com o que existe em um momento histórico particular, ao invés de uma tentativa de mantê-lo afastado. Trotsky viveu uma série de crises e derrotas, e o pesadelo burocrático na União Soviética que tirou a vida de Trotsky, e tantos de sua

família, e tantos outros, agora se transformou em um pesadelo ainda maior para o socialismo na atual crise do marxismo. Os psicólogos marxistas, também, devem compreender os aspectos do pesadelo referentes à vida mental usando materiais historicamente fornecidos, ao invés daqueles que eles desejariam ter. Noções psicanalíticas são exemplos desses materiais simultaneamente úteis e arriscados.

E o terceiro ponto é que tal incorporação em uma vida revolucionária nos traz próximo à Psicologia Marxista. Talvez, isso também signifique que qualquer psicologia progressiva e que valha a pena deve tomar forma de biografia (cf. Young, 1994). Que nós redescubramos por meio de exemplo, por meio de história, por meio de práticas passadas, as formas de ação que nós podemos adotar. Pegar essa linha é arriscar, certamente, a ressurreição de um culto da personalidade (Embora aqui ao redor de Trotsky, ao invés de Stalin ou Mao). Também se corre o risco de cair precisamente no tipo de reducionismo que importuna a psicologia burguesa. O que nós precisamos são demandas de transição para nos colocar à altura dos limites da disciplina, e a interligação de experiência e recursos dos trabalhos camaradas em e contra diferentes tradições, e também vidas políticas e exemplos fora da academia. Isso é o mais próximo que poderíamos chegar de uma psicologia revolucionária.

## Referências

- Bettelheim, B. (1986) *Freud and Man's Soul*, Harmondsworth: Peregrine.
- Deutscher, I. (1954) *The Prophet Armed, Trotsky: 1879-1921*, Oxford: Oxford University Press.
- Deutscher, I. (1959) *The Prophet Unarmed, Trotsky: 1921-1929*, Oxford: Oxford University Press.
- Dewey, J. (1938) 'Means and Ends', in D. Salner (ed.) *Their Morals and Ours: Marxist vs Liberal views on morality*, New York: Pathfinder Press, 1973.
- MacIntyre, A. (1981) *After Virtue: A Study in Moral Theory*, Indiana: University of Notre Dame Press.
- Mandel, E. (1978) *From Stalinism to Eurocommunism: The Bitter Fruits of 'Socialism in One Country'*, Londres: New Left Books.
- Marx, K. and Engels, F. (1848) *The Manifesto of the Communist Party*, Peking: Foreign Languages Press, 1965.
- McMullen, K. (dir.) (1985) *Zina*, Londres: TSI Films Ltd.
- Rowbotham, S., Segal, L. and Wainwright, H. (1979) *Beyond the Fragments: Feminism and the Making of Socialism*, Newcastle and Londres: NSC/ICP.

- Trotsky, L.D. (1922) “Thou” and “You” in the Red Army’, in L.D. Trotsky *Problems of Everyday Life, and other writings on culture and science*, New York: Monad Press, 1973.
- Trotsky, L.D. (1923) ‘Against Bureaucracy, Progressive and Unprogressive’, in L.D. Trotsky. *Problems of Everyday Life, and other writings on culture and science*, New York: Monad Press, 1973.
- Trotsky, L.D. (1926) ‘Culture and Socialism’, in L. D. Trotsky. *Problems of Everyday Life, and other writings on culture and science*, New York: Monad Press, 1973.
- Trotsky, L.D. (1931) *The Permanent Revolution, and Results and Prospects*, New York: Pathfinder Press, 1970.
- Trotsky, L.D. (1936) *The Revolution Betrayed: What is the Soviet Union and Where is it Going?* Londres: New Park Publications, 1973.
- Trotsky, L.D. (1938a) ‘Their Morals and Ours’, in D. Salner (ed.). *Their Morals and Ours: Marxist vs Liberal views on morality*, New York: Pathfinder Press), 1973.
- Trotsky, L.D. (1938b) ‘The Transitional Programme: The Death Agony of Capitalism and the Tasks of the Fourth International’, in W. Reissner (Ed). *Documents of the Fourth International: The Formative Years (1933-40)*, New York: Pathfinder Press, 1973.
- Trotsky, L.D. (1939) ‘The USSR in War’, in L.D. Trotsky. *In Defense of Marxism*, New York: Pathfinder Press, 1973.
- Young, R.M. (1994) *Mental Space*, Londres: Process Press.